

## O Vôo Místico de Attar: Uma Análise Sobre “A Linguagem dos Pássaros”

Cristiane Inácio Ribeiro\*  
[cristianeir@yahoo.com.br]

### Resumo

Este artigo analisa a obra “A Linguagem dos Pássaros” do poeta iraniano Farid ud-Din Abu Hamad Mohâmmmed, mais conhecido como Attar. O enfoque acontece a partir de uma breve apresentação dos princípios do sufismo, do autor e da obra em questão, tornando possível traçar um paralelo entre os simbolismos presentes no poema e a vivência da experiência mística pelos sufistas.

**Palavras-chave:** Attar, simbolismo, sufismo, misticismo.

### Abstract

This article analyzes the work “The Language of the Birds” by the Iranian poet Farid ud-Din Abu Hamad Mohâmmmed, best known as Attar. The chosen approach consists first of a brief presentation of the principles of Sufism, of the author and the work itself. This then makes possible to draw a parallel between the symbolisms found in the poem and mystical experience as lived by the Sufis.

**Keywords:** Attar, symbolism, Sufism, mysticism.

---

## 1 Introdução aos princípios do sufismo

Os muçulmanos se fundam sobre a revelação do livro sagrado ao profeta Mohamed, sendo conhecidos como “Povo do Livro”. Buscam entender e viver o

---

\* Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

verdadeiro sentido do Corão,<sup>1</sup> formando uma comunidade, obedecendo aos ensinamentos de Deus e estabelecendo um relacionamento correto com Ele e uns com outros. Obedecem à vontade de Deus por amor e pelo desejo de se aproximar Dele e têm a consciência de que é um amor retribuído por Deus.

Na busca por caminhos que levem a uma maior aproximação de Deus, surge o *Tasawwuf* ou sufismo<sup>2</sup> que é, segundo definição de Meyerovitch,<sup>3</sup> a dimensão esotérica da mensagem islâmica com origem no Corão e na tradição profética. Ele lida com a “Verdade Incondicionada” e é preciso uma interiorização para compreendê-lo.

O sufismo traduz a intenção fundamental da Revelação corânica: a *tawhid*, quer dizer, a Unidade de Deus, a quem nada pode associar-se, seja no plano metafísico, cosmológico ou psicológico. [...] Pois bem, ao afirmar a primazia da Unidade sobre todas as coisas, os sufis reconhecem a irredutibilidade desta Presença, que, participando de todas as formas religiosas, ao mesmo tempo as transcende, e constata, assim, não só a relatividade de qualquer forma particular de apreensão, mas também a verdade e a legitimidade de cada doutrina em particular.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> O Corão (*Qur'an*) significa a leitura, o ato de ler. É o livro sagrado dos muçulmanos, revelado a Mohamed, que deve ser recitado pelos muçulmanos durante suas preces. Foi revelado aos poucos, durante um período de 23 anos. Seus textos são repartidos em 114 suras (ou capítulos), subdivididas em 6236 versículos, contendo no total 400 páginas. Das 114 suras, 86 foram reveladas em Meca, onde Mohamed nasceu e viveu até 52 anos, e 28 em Medina, onde se refugiou e morreu. Não está em ordem cronológica nem por assunto, as mais longas suras vêm no início e as mais curtas no final. Cada sura exorta a seguir normas morais, aplicar leis, crer em verdades. Cada uma tem um título – “As Mulheres”, “As Abelhas”, “A Aurora”, entre outras – mas que não resume o assunto, havendo muitas repetições. Em sua maior parte é escrito em primeira pessoa, já que Deus falava através do profeta. Não foi escrito por Mohamed, este não sabia ler nem escrever, mas os seguidores que o ouviam escreviam suas palavras em peles de cabra, omoplatas de camelos, pedras e pergaminhos. A organização do livro aconteceu pouco após a morte de Mohamed, por seu primeiro escriba Zaid Ibn Tabit, a pedido de Abu Bakr, sucessor do profeta.

<sup>2</sup> Uma das especulações quanto à origem da palavra sufismo se relaciona ao esoterismo – aspecto interior – que em árabe é designado pelo termo *taçawwuf*. *Taçawwuf* contém o radical *çafa* que significa pureza, sinceridade. Deste derivou a palavra *çufi*, que no Ocidente virou sufismo. Álvaro de Souza MACHADO e Sérgio RIZEK em Farid ud-Din ATTAR, *A linguagem dos pássaros*, p. XIV.

<sup>3</sup> Eva de Vitray MEYEROVITCH, *Rumi e o sufismo*.

<sup>4</sup> Álvaro de Souza MACHADO e Sérgio RIZEK em Farid ud-Din ATTAR, *A linguagem dos pássaros*, p. XIV.

Os místicos sempre remetem à tradição islâmica, contudo comumente não concordam com aqueles que seguem estritamente a Lei – exoteristas – pois estes negam “*um contato com a Verdade que transcenda os limites de uma enunciação particular*”.<sup>5</sup> É freqüente entre os místicos o confronto entre a *haqîqa* e a *sharî'a*, pois a Verdade essencialmente pura resiste aos limites impostos pela enunciação.<sup>6</sup>

Embora não se possa traçar com rigor a linha de demarcação dos domínios esotérico e exotérico, não é absurdo afirmar que muitas vezes, na literatura mística, ocorre o encontro dos dois *Islams*: um de caráter histórico e exterior, outro espiritual e interior, que ora se combinavam ora se confrontavam. O esoterismo pode ser definido como o aspecto essencial, ou um aprofundamento da religião, isto porque ele é a um só tempo a origem e a finalidade de todo exoterismo. Por outro lado, estes dois domínios divergem, pois o exoterismo é necessariamente particular, enquanto o esoterismo é a essência universal e transcendente do elemento formal, elemento este que predomina no âmbito exotérico. Essa razão do esoterismo ser tanto solidário com o formalismo religioso como, ao mesmo tempo, configurar-se como a sua superação.<sup>7</sup>

Para Meyerovitch o sufismo verdadeiro se pauta na obediência à Lei, mas também na procura do sentido profundo, uma vez que Deus é ao mesmo tempo interior (*al-Bâtin*) e exterior (*as-Zâhir*). A Unidade divina é a própria essência do Islã para o sufismo e não é uma realidade diferente da *Sharî'a* e sim complementar a ela.

A *Sharî'a* se ocupa da observância dos ritos e atos de devoção; enquanto a *Haqîqa* se preocupa com a visão interior do Poder

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. XII.

<sup>6</sup> A *haqîqa* é a Realidade, a Verdade, é interior. A *sharî'a* é a enunciação exterior da Lei, é o aspecto exotérico da idéia (*haqîqa*), a idéia é o aspecto esotérico da *sharî'a*. A *haqîqa* requer iniciadores, guias que orientam o caminho até ela. NASIR-E-KHOSRAW apud Farid ud-Din ATTAR, *A linguagem dos pássaros*, p.XII.

<sup>7</sup> Ibidem, p. XIII.

divino. Todo rito não animado pelo espírito da Realidade não tem valor, e todo espírito da Realidade não estruturado pela Lei é incompleto.<sup>8</sup>

Fazendo a análise etimológica da palavra *Sharî'a*, Meyerovitch aponta que ela provém da raiz do vocábulo que significa “caminho”, um simbolismo baseado na noção de passagem, de caminhar, de peregrinação. A *Sharî'a* representa o caminho mais longo destinado a todos os homens e a *Tarîqa* o caminho que os sufistas devem seguir, um caminho mais estreito destinado a poucos daqueles que desejam chegar à realização da estrutura do homem universal, do homem perfeito.

Para ingressar no caminho (*Tarîqa*) é preciso antes uma metanóia, uma tomada de consciência. É um caminho que leva à realização espiritual e para isso é preciso ser virtuoso. Para o sufismo as virtudes principais para a realização espiritual são a humildade, a caridade e a sinceridade. A humildade se relaciona à tomada de consciência da Unidade divina e ao reconhecimento de que não importa o tipo de criatura presente no universo que é capaz de ensinar-nos o que ignoramos. A caridade é uma expansão espiritual que permite ao homem realizar a Unidade com todos os seres, uma vez que reconhece que se dando a Deus se dá ao próximo e que se oferecendo ao próximo oferece sua alma a Deus. A sinceridade é onde culmina a humildade e a caridade e significa ver as coisas em sua verdadeira natureza que revela o Divino.

Outro ponto importante observado por Meyerovitch é que para chegar a contemplar Deus sem intermediário é preciso ser um asceta, ter ausência de qualquer apego. Além disso, o *dhikr*, que consiste em preces rituais obrigatórias (*salat*) e em orar sem cessar, é pivô do misticismo, pois orar é lembrar-se de Deus. “*Lembra-te de Mim e Eu me lembrarei de ti*” (Corão II, 152). Para os sufistas o *dihkr* designa práticas como o recolhimento e recitação de litanias ora individuais, ora coletivas; mas sabendo que o que realmente importa é a intenção e o comprometimento no coração.

A autora destaca o amor como aquilo em que tudo se baseia e pontua que o místico descobre Deus em seu coração se ele ama. Citando Rûmî afirma que o

---

<sup>8</sup> AL-QUSHAIRÎYA apud Eva de Vitray MEYEROVITCH, *Rumi e o sufismo*, p. 66.

amor “é essa chama que, quando se eleva, queima tudo: só Deus fica”.<sup>9</sup> O amor é a alma do universo, é ele que permite ao homem retornar à fonte de seu ser. “A alma afastada de sua última realidade aspira ao reencontro que lhe revelará que o amante e o amado são somente um”.<sup>10</sup> Desaparecendo a ilusão da individualização Deus se revela como único objeto de amor.

O homem perfeito ou universal é o homem que, elevado espiritualmente e consciente de sua unicidade com Deus, descobre esse tesouro escondido dentro de si mesmo, embora muitos o procurem longe. É no interior mais profundo que o homem reencontra o universo, pois ele é um microcosmo que reflete o macrocosmo. “O lugar onde Deus se manifesta é, pois, o coração do homem”<sup>11</sup> que alcança sua plena dimensão. O papel do homem perfeito é revelar Deus que está nele.

Os místicos sufis, no intuito de revelar Deus a partir de sua experiência, vão desenvolver obras importantes que falam do caminho para a via espiritual, abordando questões como a unidade, a aniquilação, a renúncia, a ausência de apego, o amor incondicional, entre outras, que são inerentes ao processo da busca. Este artigo se baseia em um dos grandes místicos do sufismo, *Farid ud-Din Abu Hamad Mohâmmed*, ou simplesmente *Attar*, analisando especificamente sua obra “A Linguagem dos Pássaros”.

## 2 Breve apresentação de Attar

O poeta iraniano *Farid ud-Din Abu Hamad Mohâmmed* nasceu no século XII, por volta do ano 1142 da era cristã, em Nishapur, cidade do nordeste da Pérsia. Seu sobrenome *Attar*, que significa perfumista ou farmacêutico, deve-se à sua ocupação e à de seu pai *Abu Bekr Ibrahim*.

Poucas são as informações historicamente comprováveis a respeito deste grande poeta místico, mas são muitos os relatos em torno dele. É sabido que ele viajou pelo Egito, Síria, Arábia, Índia e Ásia Central, mas que passou a maior parte de sua existência em sua cidade natal, Nishapur, e que veio a falecer em

<sup>9</sup> RUMI apud Eva de Vitray MEYEROVITCH, *Rumi e o sufismo*, p. 89.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>11</sup> Farid ud-Din ATTAR, *A linguagem dos pássaros*, p.100.

Meca, por volta de 1220, num dos massacres perpetrados pelas hordas dos mongóis em Khorassan.

Com grande destaque entre os islamitas há oito séculos, encontrou nas últimas décadas seguidores no Ocidente, mesmo entre os que não se converteram ao islamismo. Seus escritos, bem como suas virtudes, incluíram-no entre os máximos representantes da espiritualidade universal e da mística sufi que é caracterizada pela valorização das razões do coração e pelo tema do amor de Deus, sendo contrária ao legalismo e ao intelectualismo.

Algumas biografias apontam que ele foi discípulo de grandes mestres como o sheik *Majd ud-Din Bagdadi* e *Majm ud-Din Kobra*. Tinha grande conhecimento sobre o Corão e a literatura do Islam e uma vasta cultura que incluía saberes como música, astronomia e medicina. Sua iniciação espiritual é assim relatada em duas entre várias versões:

(...) um dervixe apareceu certa vez no umbral de sua loja de perfumes, fitando-o com olhos cheios de lágrimas. Farid ud-Din ordenou então ao homem que fosse dali, ao que o andarilho replicou: 'Isso não é muito difícil para mim. Nada levo comigo além deste manto. Porém, e tu, com tuas valiosas drogas? Farias bem em considerar teus preparativos para te pões a caminho'. Segundo outra versão desta mesma história, o mendigo pergunta: 'Como irás morrer?', ao que Attar responde, assombrado: 'Da mesma forma que tu'. O dervixe estende-se então sobre o solo, apóia a cabeça em sua escudela e exala seu último suspiro. A partir desse momento Attar, transtornado, retira-se para um período de contemplação sob a orientação do mestre sufi Rukn ud-Din.<sup>12</sup>

Dotado de um talento narrador singular, teve a ele atribuídas inúmeras obras, das quais constam vários poemas em dísticos, bem como produções em prosa. Entre suas obras destacam-se o "*Tadkhirat al-Awliya*" (Memorial dos Santos), que contém as biografias de muitos mestres sufis; "*Ilahi Nama*" (O Livro Divino); "*Pand Nama*" (O Livro dos Conselhos); "*Asrar Nama*" (O Livro dos

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. XIX.

Segredos), e "*Mantiq ut-Tair*" (A Linguagem dos Pássaros), que é uma longa e bela alegoria da alma à procura de Deus, uma das obras-primas da literatura mística e universal e que será apresentada a seguir.

### 3 A linguagem dos pássaros

A obra mais conhecida de Attar é o poema "A Linguagem dos Pássaros" ou "A Conferência dos Pássaros" que foi escrita no final do século XII. Uma epopéia mística traduzida para inúmeras línguas e dialetos orientais e difundida no ocidente de forma mais intensa após 1863, com sua publicação em Paris com tradução de Garcin de Tassy. Marco Lucchesi assim descreve esta obra: "*Jóia da mística universal, A linguagem dos pássaros, de Attar, é uma flor, cujo perfume tocou outros jardins. Suas páginas demandam altitudes*".<sup>13</sup>

Esta obra, conta a história de cerca de 30 espécies diferentes de pássaros que atravessam sete vales objetivando o encontro com o *Simorg* (palavra persa que significa "Trinta Pássaros") para torná-lo rei. Inicia-se com a invocação dos pássaros para a viagem, destacando a grandeza que é a idéia de Deus:

Ante a idéia de Deus, o espírito se desconcerta, a alma desfalece; por Sua causa o céu gira, a terra vacila. Do dorso do peixe às estrelas, cada átomo atesta Sua existência. As profundezas da terra e as alturas do céu rendem a Ele seu particular testemunho.

(...) visto que existe unicamente Sua essência, certamente não há nada afora ela. Seu Trono está sobre a água, e o mundo está no ar, mas deixa a água e o ar, pois tudo é Deus: O Trono celeste e o mundo não são mais que um talismã. Deus é tudo, e as coisas têm somente um valor nominal. Saber que o mundo visível e o invisível são Ele mesmo. Não há nada além d'Ele, e o que é, é Ele.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Marco LUCCHESI, *Os olhos do deserto*, p. 151.

<sup>14</sup> Farid ud-Din ATTAR, *A linguagem dos pássaros*, p. 3 e 4.

Attar salienta que conhecer Deus é uma experiência ímpar, inigualável, só sendo possível pela via espiritual, através do aniquilamento, e também que se constitui em um caminho muito árduo a ser percorrido. Não é preciso inteligência para vivenciar a experiência mística, é preciso entrega, aniquilamento, renúncia:

(...) debes conhecer Deus por Ele mesmo e não por ti. É Ele quem abre o caminho que conduz a Ele, e não a sabedoria humana. (...) Ciência e ignorância são aqui a mesma coisa, pois este Ser não se pode explicar nem descrever.

Aniquila-Te! Eis aqui tudo, tal é a perfeição. Renuncia a ti mesmo; este é o penhor de tua união com Ele. Perde-te n'Ele para penetrar esse mistério, tudo mais é supérfluo. Caminha na unidade e mantém distância da dualidade; não tenha mais que um coração, uma face, uma *qibla*.

(...) acreditas que seja fácil chegar ao conhecimento das coisas espirituais? Significa não menos que renunciar à vida.<sup>15</sup>

A obra prossegue contando que todos os pássaros do mundo estavam reunidos e que foram incitados a procurar um rei para que o país tenha uma boa administração. A poupa, então, se coloca no centro da assembléia e se anuncia como “engajada na milícia divina” e como conhecedora de “Deus e dos segredos da Criação”, conclamando os pássaros a segui-la. A poupa sábia fala que o rei que estão procurando se chama *Simorg* e que vive na montanha de *Kaf*, e que para chegar até Ele devem enfrentar uma viagem perigosa e repleta de dificuldades. Os pássaros pedem, então, que a poupa os guie. O convite é aceito por ela, que passa a ensinar os pássaros de acordo com as características do temperamento de cada um.

Após o discurso da poupa os pássaros, agitados, querem conhecer o rei, estão ansiosos para partir e se unem. Entretanto, quando percebem que o caminho é longo e doloroso, hesitam e alegam motivos para não prosseguir. O rouxinol declara que conhece os segredos do amor, pois ama a rosa e, por isso, não pode se privar de sua presença, estando além de suas forças desejar o *Simorg*; o papagaio alega não ter forças para se elevar até a grande asa do

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 5, 6, 10; *Qibla* significa direção.



*Simorg*; o pavão real coloca que não tem a pretensão de chegar até Ele, mas só de ir até as suas portas – o paraíso – e que aguardará este dia; o pato expõe que depende da água e que não consegue se afastar dela, que está satisfeito vivendo junto à mesma não ambicionando outra vida; a perdiz explica que dorme sobre as pedras e delas se alimenta e que o amor pelas pedras preciosas a mantém atada à montanha, sendo, portanto, impossível partir; o grifo coloca que sua sombra dignifica reis e que tendo a realeza a seu lado não precisa da amizade do *Simorg*; a garça, diz que a ela basta o amor do oceano e que não tem força para esta árdua busca; o mocho alega ser fraco e amar somente as ruínas e a seu tesouro; a alvéola tímida e trêmula se declara frágil e incapaz de fazer a viagem; e assim seguem-se as desculpas, sendo que cada uma é rebatida pela poupa que ensina belíssimas lições com suas palavras.

Os pássaros pedem, então, uma descrição do *Simorg*, pois acreditam que são incapazes de reconhecê-lo e a poupa responde:

Não se pode amar o *Simorg* como às belezas temporais; porém, por excesso de bondade, ele fez um espelho próprio para refleti-lo. O espelho é o coração. Teu coração deve ser um espelho brilhante e claro; olha nele e verás a sua imagem.<sup>16</sup>

Os pássaros dirigem-se então à Poupa e dizem em coro:

‘Ó tu que és nosso guia! Queres que abandonemos a vida tranqüila que gozamos para abordar este caminho? Débeis pássaros como nós podem vangloriar-se de encontrar o verdadeiro caminho para chegar ao lugar sublime onde vive o *Simorg*?’

A poupa respondeu então, em sua qualidade de guia: ‘O amante não pensa em sua própria vida; aquele que ama verdadeiramente, quer seja abstinente ou libertino, deve renunciar à vida’. (...) O amante lança ao fogo a esperança de qualquer colheita, põe a lâmina em seu próprio pescoço e

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 67.

corta-o se for preciso. Ao amor é necessário a dor e o sangue do coração; o amor ama coisas difíceis.<sup>17</sup>

Os pássaros decidem renunciar à vida, o amor a *Simorg* invade seus corações, planejam e se preparam para o caminho. A acolhedora poupa é escolhida como guia e os cem mil pássaros a seguem. Começam a viagem até o primeiro vale. Contudo, logo os problemas começam a surgir e os pássaros percebem que o caminho vai ser mais árduo que haviam pensado. No primeiro vale o terror e o medo invadem o coração dos pássaros que se põem ao redor da poupa. Alguns recorrem a desculpas chegando mesmo a questionar a sabedoria da poupa e sua capacidade em conduzi-los.

A poupa percebe que a melhor maneira dos pássaros compreenderem a viagem é a descrição dos sete vales e desertos: o da busca (*talab*); o do amor (*ischc*); o do conhecimento (*ma'rifat*); o da independência ou da autosuficiência (*istigna*); o da pura unidade (*tauhid*); o da terrível estupefação (*hairat*) e o sétimo e último que é da pobreza (*fakr*) e aniquilação (*fana*).

O primeiro é o “Vale da Busca” ou *Talab*, onde se busca a verdade com todas as forças, onde se espera encontrar um significado maior ao propósito da vida. É o vale das provações, que exige penosos esforços, renúncia e abandono material:

Logo que entres no primeiro vale, o da busca, cem penosas coisas assaltar-te-ão sem cessar. Neste lugar terás de experimentar a cada instante cem provações; (...) Terás de passar vários anos neste vale e fazer penosos esforços até mudares de estado. Terás que abandonar tuas riquezas e deixar tudo o que possuis. Renunciando a tudo, terá de entrar num charco de sangue; e quando tiveres a certeza de que já não possuis nada, ainda terás de desligar teu coração de tudo o que existe.

Enquanto não morremos para nós mesmos e não formos indiferentes às criaturas, nossa alma não será livre. Mais vale

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 71.

um morto que aquele que não está morto para as criaturas, pois este último não pode ser admitido detrás do véu.<sup>18</sup>

Só com extrema dedicação e perseverança é possível atravessar a salvo o primeiro vale e alcançar o segundo que é o “Vale do Amor” ou *Ischc*, onde se faz presente uma vontade infinita de encontrar o Amado, onde um fogo incandescente começa a brotar forte no coração. A poupa fala assim sobre o Vale:

Para nele entrar deve-se mergulhar inteiramente no fogo; o que digo?!, deve-se ser este próprio fogo, pois de outra forma não se poderia viver ali. (...) Neste vale o amor é representado pelo fogo, e sua fumaça é a razão. Quando o amor vem, a razão foge o mais rapidamente possível. A razão não pode coabitar com a loucura do amor; o amor não tem nada que ver com a razão humana.<sup>19</sup>

Esse amor que exige provas através do enfrentamento de obstáculos encontrados é que levará o buscador a sair deste vale e seguir em direção ao terceiro vale, o “Vale do Conhecimento” ou *Ma'rifat* onde não se vê nada senão Deus, não se percebe sequer a si mesmo.

Neste vale, cada peregrino toma um caminho diferente; espíritos diferentes obedecem regras diferentes. (...) o caminho espiritual não se manifesta senão nos limites das respectivas forças de cada um.<sup>20</sup>

Este vale é marcado pela iluminação da verdade, quando o coração adquire conhecimento do Amado. O próximo vale é o do desapego, o “Vale da Independência, do Alheamento” ou *Istigna*, independência das coisas que prendem, do apego, não há desejo de possuir, nem de descobrir. Não há aqui

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 100.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 186.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 184.

qualquer desejo de posse material, tudo que é mundano se anula. O viajante se torna livre, independente, pois não se apega a nada que seja material.

O quinto é o “Vale da Unidade” ou *Tauhid*, o da renúncia de todas as coisas e busca da unificação, onde só se vê o “Um”. Neste vale, todos os seres são reconhecidos como provenientes de uma só essência, a fonte para todas as coisas é única.

Lugar de renúncia a todas as coisas e de sua unificação. Todos os que levantam a cabeça nesse deserto levantam-na de um mesmo pescoço, como ramos de um único tronco. Ainda que vejas muitos, não há senão um pequeno número, o que digo?!, na realidade há somente Um. Com toda quantidade não é verdadeiramente mais que Um, ela está completa em sua unidade.

Quando o viajante espiritual entra neste vale, desaparece junto com a terra que ele pisa com os pés. Ele estará perdido, pois o Ser único estará manifesto; permanecerá mudo, pois este Ser falará. A parte tornar-se-á o todo, ou melhor, não será mais parte nem todo. Será uma figura sem corpo nem alma. De cada quatro coisas, quatro coisas sairão, e de cem mil, cem mil. Na doutrina deste maravilhoso segredo, verás milhares de inteligências com os lábios secos pela mudez. O que é aqui a inteligência? Ela ficou na soleira da porta, como uma criança nascida cega. Aquele que encontrou algum rastro deste segredo desvia a cabeça do reino dos dois mundos; porém tal indivíduo não se encontra no mundo, e acaso encontra-se o perfume deste segredo? O ser que anuncio não existe isolada ou individualmente; todo o mundo é este Ser, existência ou nada, é um único Ser.<sup>21</sup>

Os vales se sucedem e as dificuldades se potencializam, cada um é mais e mais perigoso e temível que o anterior. Explorar cada um é submeter-se a provas e obstáculos extremos, cada um é uma experiência inédita.

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 205 e 207.

O sexto é o “Deserto da Estupefação” ou *Hairat*, onde aqueles que passaram pela experiência da unidade esquecem tudo e a si mesmos. É o deserto do medo, onde nada existe, nem o outro nem o si mesmo, onde o intelecto não funciona, onde não se sabe de nada, onde a mente não é nada, apenas o coração é capaz de ver.

(...) cada um torna-se presa da tristeza e dos gemidos. Aí os suspiros são como espadas, e cada respiração é um amargo lamento. Neste lugar não há mais que lamentações, dores e ardente ardor; é dia e noite ao mesmo tempo, e não é nem o dia nem a noite. (...) Como poderia o homem, em seu assombro, avançar neste caminho? Ele cairá na estupefação e estará perdido. Porém, aquele que tem a unidade gravada no coração esquece tudo e esquece a si mesmo.

Aquele que entra no vale do espanto entra a cada instante numa dor tal que bastaria para afligir cem mundos. (...) Aqui os gemidos do homem são uma ação de graças, pois trazem a misericórdia; a infidelidade converteu-se em fé e a fé em infidelidade.<sup>22</sup>

O sétimo é o “Deserto da Pobreza e do Aniquilamento”, ou *Fakr e Fana*, em que a essência é o esquecimento. Neste momento o viajante se dá conta de sua unidade com o Amado a partir do esquecimento de si mesmo. Ao abandonar a lembrança de seu corpo e sua alma, ele estará pronto para se entregar ao Ele.

(...) vale impossível de se descrever com exatidão. O que se pode considerar como essência desse vale é o esquecimento, o mutismo, a surdez e o desvanecimento. Ali verás desaparecer, pelo efeito de um só raio do sol espiritual, as milhares de eternas sombras que te rodeavam.

Veste-te com a *hirka* [manto de farrapos usado pelos dervixes] do nada e bebe da taça do aniquilamento; cobre depois teu peito com o amor do arrependimento e põe sobre a cabeça o Albornoz da não-existência. Coloca pé no estribo da renúncia

---

<sup>22</sup> Ibidem, p. 210 e 215.

absoluta, e lança decididamente teu inútil cavalo de batalha até o lugar onde não há nada.

Aquele que de fato não tem nem rastro nem sinal de sua própria existência sabe mais que os outros a respeito do aniquilamento. Enquanto não ignorares teu corpo e tua alma, poderás conhecer o objeto de teu amor? <sup>23</sup>

Após o discurso da poupa e a descrição dos vales, os pássaros abaixam a cabeça e arrebatados de emoção compreendem que os impotentes não serão capazes de passar por tudo aquilo. Muitos caem mortos ali mesmo ao final do discurso. Outros decidem ir e viajam por anos inteiros por vales e montanhas, e grande parte deles morre nesse trajeto. Apenas um pequeno número, com dificuldades, chega ao lugar destinado. Somente 30 chegam, pasmos, sem plumas, sem asas, cansados, abatidos, agoniados, contudo:

(...) eles viram essa majestade que não se saberia descrever e cuja essência é incompreensível, Ser que está acima do alcance da inteligência humana e da ciência. Então brilhou o raio da plenitude, e cem mundos foram queimados num instante. Eles viram milhares de sóis reunidos, cada qual mais resplandecente; milhares de luas e estrelas, todas igualmente belas; viram tudo isto e admiraram-se; agitaram-se como o vacilante átomo e exclamaram: 'Ó tu que és maravilhoso como o sol! Tu cuja capacidade reduz o sol a um simples átomo; como podemos mostrar-nos aqui? Ah! Por que sofremos inutilmente tantas penas em nosso caminho? Renunciamos completamente a nós mesmos e agora não podemos obter o que ansiamos. Aqui cem céus são um átomo de pó, aqui pouco importa que existamos ou deixemos de existir'.<sup>24</sup>

A resposta foi o aniquilamento de todos estes pássaros que foram reduzidos a nada até que o tempo oportuno chegasse. Quando um nobre arauto da majestade suprema interpela o motivo de estarem ali, os 30 pássaros

---

<sup>23</sup> Ibidem, p. 216, 218 e 219.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 228.

respondem que vieram reconhecer o *Simorg* como rei e que Ele não poderia desdenhar da dor e de tudo que fizeram para ali chegar, que deveria ser benevolente. O arauto responde falando para eles que retornem, o que deixa os pássaros desesperados, paralisados de estupor.

Todavia, os pássaros que suportaram toda espécie de dificuldades, que enfrentaram provas cruéis para estarem ali, não se deixaram abater pela frieza do guarda real. Então, o servidor pessoal do rei se ausenta e os pássaros são conduzidos ao salão real. Eles entram e a tudo observam atônitos. Ao invés de verem o *Simorg* (30 pássaros), o que vêem são eles mesmos (30 pássaros). A partir daí é possível compreender que buscando o rei, se encontraram e que o rei que buscaram encontra-se neles mesmos.

Os pássaros têm sua alma aniquilada, tamanho temor e vergonha. Seus corpos viram pó, ficam livres de tudo, purificados, sendo possível encontrar uma “nova vida na luz do *Simorg*”, tornando-se novamente servidores. Os 30 pássaros podem contemplar a face do *Simorg* espiritual e se vêem nesta face. Eles e o *Simorg* são um só Ser.

‘O sol da majestade é um espelho; aquele que vem vê-se nele, e nele vê sua alma e seu corpo, vê-se todo por inteiro. Uma vez que vistas aqui trinta pássaros, vos encontrastes trinta pássaros (*si morg*) no espelho’.

De fato, os pássaros aniquilaram-se finalmente e para sempre no *Simorg*. A sombra perdeu-se no sol, e eis tudo.<sup>25</sup>

#### **4 O sufismo e o vôo místico de Attar**

A obra “A Linguagem dos Pássaros” está repleta de simbolismos que podem ser relacionados à busca espiritual empreendida pelos sufistas. Ela pode ser associada à linguagem dos anjos, pois leva o homem a ter acesso a estados superiores do ser, a alcançar estados elevados, que exigem, para seu conhecimento, uma alta iniciação espiritual.

---

<sup>25</sup> Ibidem, p.232.

A obra representa uma parábola da iniciação à vida mística. O caminho dos pássaros à procura do *Simorg* equivale à busca das almas, e como tal busca é difícil de ser realizada, muitos se perdem no caminho. Poucos são os que se dispõem a trilhar o árduo caminho e ainda menor é o número dos que conseguem efetivar a viagem. É uma estrada obscura, estreita, longa e que exige muita dedicação e entrega. Enquanto se estiver apegado às coisas do mundo, não há como prosseguir viagem.

O caminho dos pássaros, assim como o caminho dos sufis, oferece perigos. O viajante pode se perder, desistir, morrer. A maioria necessita de orientação para avançar o caminho, sendo passivo diante do mestre. Os muitos tipos de pássaros associam-se aos variados tipos humanos: o egoísta, o materialista, o covarde, o fraco, o medroso, enfim, tipos portadores de características que os tornam, a princípio, débeis na vontade de encontrar o *Simorg*, de encontrar Deus. Mas quando tocados pela grandeza do Ser, quando o coração é invadido pelo desejo de conhecer Deus, eles se engajam na busca, assim como os discípulos místicos do mestre sufi.

A poupa frente aos outros pássaros pode ser comparada ao mestre diante de seus discípulos. Ela, assim como os mestres sufis, conhece profundamente Deus, mas não percorre sozinha o caminho até Ele, revelando-se aqui uma característica do misticismo islâmico, que é a da coletividade, diferente do misticismo ocidental, essencialmente individual.

Tanto para os pássaros quanto para os iniciados na vida espiritual é preciso livrar-se de todo apego para contemplar Deus, e o veículo para isso é o amor. Aquele que ama desprende-se da própria vida, a renuncia. Após o discurso da poupa, os pássaros são invadidos pelo amor, passam a ter a intenção pura no coração de encontrar a Deus e se preparam para iniciar o caminho. Tal como os sufis, os pássaros tornam-se peregrinos. Desejam fazer a passagem. O início do caminho se dá a partir da tomada de consciência.

A experiência mística é realizada após o vencimento de estágios como a abstinência das coisas materiais que podem desviar a alma de seu objetivo, o esquecimento de tudo que não seja Deus, a confiança plena n'Ele, a espera por sua Vontade e por Sua revelação, onde tudo desaparece e só fica Ele. Assim acontece com os pássaros, eles passam pelos diversos Vales, por difíceis



obstáculos, provações, têm de renunciar a tudo, inclusive a si mesmos, têm de se aniquilar e, depois de tudo, têm de aguardar a Vontade do *Simorg*. Só Ele sabe quando promover a revelação. Têm de se tornar ascetas, não ter apegos. Para descobrir Deus é preciso somente amor no coração.

No fim, os pássaros que conseguem sobreviver à expedição (trinta dos cem mil iniciais), mostram como são poucos os que obtêm sucesso neste caminho, que somente os verdadeiros crentes podem vencer todos os obstáculos. Estes “sobreviventes” acabam conseguindo se aproximar do *Simorg*, e o que acontece? Eles percebem que eles e o *Simorg* são o mesmo Ser, como se estivessem diante de um espelho, tal qual ocorre com o crente místico em sua identificação com Deus. A Unidade com Deus, que é a essência do sufismo, é realizada. Não há mais multiplicidade, esta ilusão se finda. Só Ele existe e Ele é tudo. Os pássaros passam a representar o homem elevado espiritualmente que encontra Deus dentro de si. O tesouro que fora buscado longe estava na verdade dentro deles mesmos.

Attar com a magnífica obra “A Linguagem dos Pássaros” demonstra a grandeza e complexidade que é a experiência mística e o faz de uma forma poética e encantadora. Com as histórias que entrecortam a viagem dos pássaros, vai enriquecendo o conhecimento sobre o sufismo, fala de amor, de místicos importantes, de lições sobre desprendimento, de renúncia. O leitor que não é um iniciado, não vivencia a experiência que, como já explicitado, é só para poucos e determinados, mas tem diante de si uma poesia preciosa que versa sobre uma das mais belas formas de amar.

Por tudo que representa a obra e seu autor, torna-se indispensável sua leitura para aqueles que pretendem estudar a mística islâmica, apesar de esta não se restringir a este movimento somente.

## **Referências bibliográficas**

ASHRAF, Syed Ali. O significado interior dos ritos islâmicos: prece, peregrinação, jejum e jihãd. IN: BARTHOLO Jr., Roberto. *Islã: o credo é a conduta*. Rio de Janeiro: ISER/ Imago, 1990.

- ATTAR, Farid ud-Din. *A linguagem dos pássaros*. São Paulo: Attar Editorial, 1991.
- BARTHOLO Jr, Roberto S. *Mística e política no seguimento ao profeta do Islã*. In: BINGEMER, Maria Clara L. & \_\_\_\_\_. *Mística e política*. São Paulo: Loyola, 1994.
- CASPAR, Robert. *Cristianismo/islamismo*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1991.
- CHALLITA, Mansour. *O Alcorão ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 2002.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MASSIGNON, Louis. *Ciencia de la compasión, escritos sobre el Islam, el lenguaje místico y la fe abrahámica*. Madrid: Trotta, 1999.
- LUCCHESI, Marco. *Os olhos do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MEYEROVITCH, Eva de Vitray. *Rumi e o sufismo*. São Paulo: ECE, 1990.
- VELASCO, Juan Martin. *El fenómeno místico*. Madrid: Trotta, 1999.